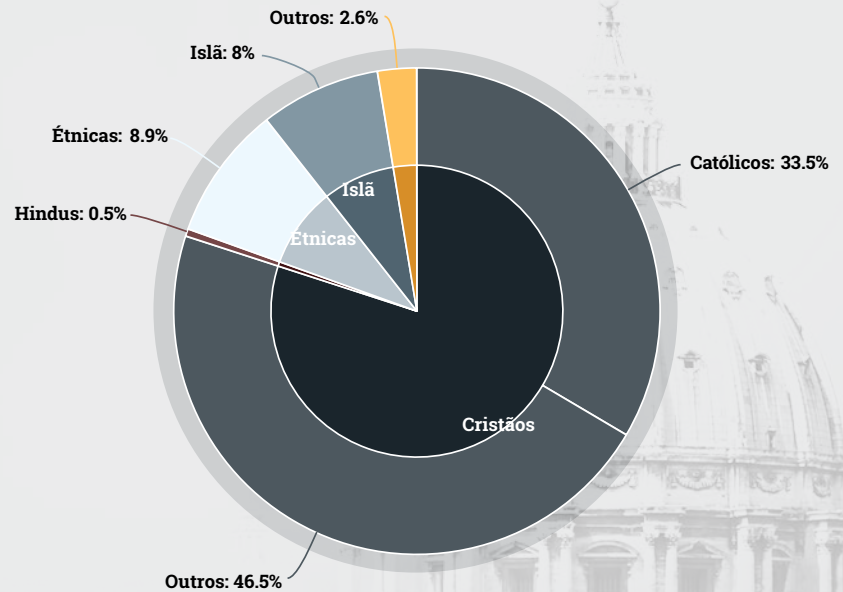
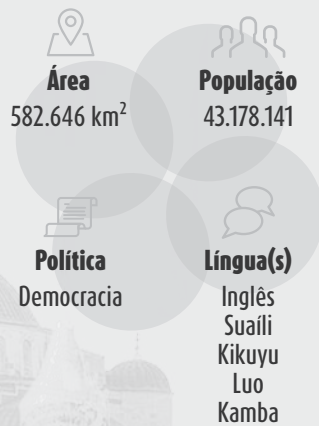


Quênia



DISPOSIÇÕES LEGAIS EM RELAÇÃO À LIBERDADE RELIGIOSA E APLICAÇÃO EFETIVA

A Constituição do Quênia, promulgada em 27 de agosto de 2010, consagra no artigo 32º o direito ao exercício livre da religião.

A Lei das Sociedades obriga a que cada associação no Quênia deva registrar-se ou ficar isenta do registro na Conservatória do Registro. Até agora, o Governo obrigava as “novas” igrejas a procurarem o registro através de aprovação governamental. Contudo, o Procurador-Geral já tinha iniciado o processo de criar uma política nova e mais exigente para as organizações e entidades religiosas, sobre as quais o Governo vai ter maior supervisão. Os novos poderes de veto governamental para os grupos religiosos vão implicar aprovação administrativa da composição dos conselhos de direção, da distribuição de bens financeiros, da regulamentação de procedimentos internos e da análise das qualificações teológicas dos líderes das Igrejas.^[1] Alguns destes expressaram preocupação com vários aspectos da

[1] Este processo foi desencadeado por um conjunto de casos escandalosos desvendados pela comunicação social nos quais pastores cruéis e inqualificáveis se aproveitaram da credulidade de alguns crentes para os enganarem e obterem fundos. Cf. New rules seek to rein in errant religious leaders, Daily Nation, 3 de Janeiro de 2016 (<http://www.nation.co.ke/news/Tough-laws-to-now-tame-rogue-clergy/-/1056/3019554/-/5b6uhn/-/index.html>).

política que, segundo eles, podem contradizer o compromisso original do Governo com a liberdade religiosa.^[2]

Os tribunais *kadhis* são reconhecidos como tribunais complementares para certos casos relacionados com o estado civil, o casamento, o divórcio ou as heranças, desde que todas as partes professem a religião muçulmana tal como expresso no artigo 170º da Constituição.^[3]

Embora o Estado em teoria proteja e defenda os princípios fundamentais da liberdade religiosa, na prática nem sempre isso acontece. As tentativas do Quênia de combater o extremismo religioso através de meios coercivos significam que isso resultou em algumas situações de punição coletiva e perseguição de muçulmanos, em especial de quenianos de descendência somali ou de cidadãos somali que vivem no Quênia.^[4] Há um sentimento generalizado, em especial entre

[2] The Catholic Church in Kenya challenges new rules on religious bodies, Rádio Vaticano, 18 de Janeiro de 2016 (http://en.radiovaticana.va/news/2016/01/18/kenyan_bishops_challenge_new_rules_on_religious_bodies/1202008).

[3] Uma análise da gênese, natureza e controvérsias em torno dos tribunais Kadhis pode encontrar-se em The case of Kadhi courts in a secular Kenya, Peace and Life Institute, 17 de Abril de 2015 (<http://life-peace.org/hab/the-case-of-kadhi-courts-in-a-secular-kenya/>).

[4] Um exemplo deste tipo de acções policiais: “Em Setembro de 2015, a Comissão Nacional independente, governamental de Direitos Humanos do Quênia (KNCHR) publicou um relatório detalhado a documentar pelo menos 4.000 detenções desde Abril de 2014, sobretudo de pessoas de origem étnica somali, muitos dos quais sofreram graves abusos quando detidos. Centenas foram mais tarde libertados e as acusações contra eles caíram por falta de provas. A Autoridade Policial Supervisora Independente (IPOA) do Quênia e grupos internacionais de direitos humanos relataram que agentes de segurança destacados para o bairro de Eastleigh em Nairobi e para outras partes do país espancaram dezenas de pessoas; invadiram casas, edifícios e lojas; e extorquiram enormes

muçulmanos e ativistas de direitos humanos, de que as ações antiterroristas das agências de segurança do Quênia são discriminatórias, arbitrárias, excessivas no uso da força e, por vezes, potencialmente ilegais na sua extensão.^[5]

INCIDENTES

14 de junho de 2014: Assassinato / Terrorismo^[6]

Cerca de 100 homens armados atacaram a vila de Mpeketoni, no Condado de Lamu County, matando pelo menos quarenta e nove pessoas e destruindo vinte e seis edifícios e outros bens. As vítimas foram esfaqueadas, decapitadas, agredidas até à morte ou alvejadas com armas de fogo. No dia seguinte, a Al-Shabaab reivindicou a responsabilidade do ataque.^[7]

23 de junho de 2014: Assassinato / Terrorismo

A aldeia de Kakate é atacada por homens armados. Cortaram a garganta de cinco homens com punhais. Um homem foi libertado depois de ter recitado um verso do Corão.^[8] Este é o único ataque em que os terroristas inicialmente se apresentaram como polícias, em vez de dizerem que eram combatentes do Al-Shabaab.

quantidades de dinheiro. Em Mombaça, três clérigos muçulmanos radicais proeminentes foram assassinados, alegadamente por agentes de segurança quenianos. Também em Mombaça, mesquitas acusadas de radicalismo foram encerradas e reabertas pouco tempo mais tarde." Annual report 2016, Comissão Norte-Americana Internacional da Liberdade Religiosa, Abril de 2016, p. 216. Relatório disponível em: <http://www.uscirf.gov/sites/default/files/USCIRF%202016%20Annual%20Report.pdf>

[5] Mais grave é a acusação de agências governamentais se envolverem em execuções extrajudiciais: "Forças de segurança quenianas também têm estado implicadas em assassinios selectivos e desaparecimento de muçulmanos, incluindo de clérigos proeminentes. A organização de direitos humanos Haki Africa alegou que agências de segurança quenianas mataram pelo menos vinte e um clérigos muçulmanos na sua campanha de combate ao terrorismo ao longo dos últimos três anos. Uma investigação da Human Rights Watch considerou igualmente credíveis provas de que a Unidade Anti-Terrorismo da Polícia (ATPU), que trabalha com outras agências de segurança, fez desaparecer à força ou matou alegados suspeitos de terrorismo. Estas mortes e desaparecimentos forçados de suspeitos documentados pelas organizações de direitos humanos não foram investigadas e os responsáveis não foram levados perante a justiça." Insult to Injury, the 2014 Lamu and Tana River Attacks and Kenya's abusive response, Human Rights Watch, 15 de Junho de 2015 (<https://www.hrw.org/report/2015/06/15/insult-injury/2014-lamu-and-tana-river-attacks-and-kenyas-abusive-response>).

[6] Incluo estes ataques de Junho-Julho de 2014 pois têm uma componente de violência religiosa, como foi demonstrado pelo relatório da Human Rights Watch sobre os incidentes: "Os atacantes tiveram como alvo não muçulmanos, disseram as testemunhas, matando os que não sabiam recitar um verso islâmico para provar que eram muçulmanos." Cf. Insult to Injury, the 2014 Lamu and Tana River Attacks and Kenya's abusive response, Human Rights Watch, 15 de Junho de 2015 (<https://www.hrw.org/report/2015/06/15/insult-injury/2014-lamu-and-tana-river-attacks-and-kenyas-abusive-response>). Em praticamente todas as acções, os atacantes identificaram-se como combatentes do Al-Shabaab. Cf. Ibidem.

[7] Cf. Insult to Injury, the 2014 Lamu and Tana River Attacks and Kenya's abusive response, Human Rights Watch, 15 de Junho de 2015 (<https://www.hrw.org/report/2015/06/15/insult-injury/2014-lamu-and-tana-river-attacks-and-kenyas-abusive-response>). Kenya attack: Mpeketoni near Lamu hit by Al-Shabab raid, BBC News, 16 de Junho de 2014 (<http://www.bbc.com/news/world-africa-27862510>).

[8] Insult to Injury, the 2014 Lamu and Tana River Attacks and Kenya's abusive response, Human Rights Watch, 15 de Junho de 2015 (<https://www.hrw.org/report/2015/06/15/insult-injury/2014-lamu-and-tana-river-attacks-and-kenyas-abusive-response>).

5 de julho de 2014: Assassinato / Terrorismo

Pelo menos cinquenta agressores entraram na área hindu na estrada de Tana River-Lamu, cortando a garganta de quem passava aleatoriamente. Mataram treze pessoas. Simultaneamente, a esquadra de polícia de Gamba na área de Tana River foi atacada. Nove pessoas foram mortas, incluindo um sargento de polícia.^[9]

4 de novembro de 2014: Assassinato / Terrorismo

Salim Bakari Mwarangi, um clérigo muçulmano moderado e que falava abertamente do grupo Al-Shabaab é morto a tiro em Mombaça.^[10]

17 de novembro de 2014: Perseguição

Um homem foi morto e outros 200 foram detidos durante raides a mesquitas de Mombaça levados a cabo pelas agências de segurança quenianas. As organizações de direitos humanos criticaram os raides.^[11] Na sequência deste raide, várias mesquitas em Mombaça foram encerradas pelo Governo, uma medida que foi vista como tendo aumentado a tensão na área.^[12]

2 de dezembro de 2014: Assassinato / Terrorismo

Trinta e seis trabalhadores cristãos de uma pedreira em Korome são mortos após militantes islâmicos os terem separado dos muçulmanos. Quatro deles foram decapitados e os outros foram mortos a tiro.^[13]

13 de janeiro de 2015: Assassinato / Terrorismo

George Karidhimba Muriki, pastor assistente da Igreja Maximum Revival Ministries, foi alvejado em Mombaça por homens armados que acreditam fazerem parte do Al-Shabaab.^[14]

2 de abril de 2015: Assassinato / Terrorismo

147 estudantes da Universidade de Garisa foram mortos e mais de oitenta feridos por militantes do Al-Shabaab. Os islamitas, que reivindicaram a responsabilidade do ataque, detiveram 700 estudantes e separaram os muçulmanos dos cristãos. Os relatos afirmaram que os agressores libertaram os

[9] Gunmen kill at least 29 in latest raids on Kenyan coast, Reuters, 6 de Julho de 2014 (<http://uk.reuters.com/article/uk-kenya-attacks-idUKKBN0FB05P20140706> Insult to Injury, the 2014 Lamu and Tana River Attacks and Kenya's abusive response, Human Rights Watch, 15 de Junho de 2015 (<https://www.hrw.org/report/2015/06/15/insult-injury/2014-lamu-and-tana-river-attacks-and-kenyas-abusive-response>).

[10] Kenyan Muslim Cleric Salim Bakari Mwarangi shot dead in Mombasa, BBC News, 5 de Novembro de 2014 (<http://www.bbc.com/news/world-africa-29915602>).

[11] Deadly raids on mosques in Kenya's Mombasa, Al Jazeera News, 17 de Novembro de 2014 (<http://www.aljazeera.com/news/africa/2014/11/deadly-raids-mosques-kenya-mombasa-2014111715249473661.html>).

[12] Religious tension high after mosque closures in Mombasa, Kenya, The Huffington Post, 22 de Novembro de 2014 (http://www.huffingtonpost.com/2014/11/22/mombasa-mosque-closures_n_6199788.html).

[13] Al-Shabaab massacres non-Muslim at Kenya quarry, BBC News, 2 de Dezembro de 2014 (<http://www.bbc.com/news/world-africa-30288137>).

[14] Pastor shot dead by extremist group in Kenya, Christian Today, 13 de Janeiro de 2015 (<http://www.christiantoday.com/article/pastor.shot.dead.by.extremist.group.in.kenya/45864.htm>).

que se identificaram como muçulmanos e mataram os que se descreveram como cristãos. O cerco terminou no mesmo dia, quando os quatro agressores foram mortos. Foi oferecida uma recompensa pelo organizador do ataque. Cinco homens foram mais tarde colocados sob custódia em ligação com o ataque, que foi o mais mortífero no Quênia desde o bombardeamento em 1998 da embaixada norte-americana.^[15]

13 de junho de 2015: Assassinato / Terrorismo

Combatentes do Al-Shabaab atacaram um campo das Forças de Defesa quenianas, matando dois soldados. Mais tarde, o exército queniano matou onze dos terroristas.^[16]

21 de dezembro de 2015: Assassinato / Terrorismo

Duas pessoas são mortas num ataque a um ônibus de Nairobi para Mandera, perto da vila de Elwak. Alguns muçulmanos quenianos desafiaram as ordens dos terroristas ao recusarem ser separados dos cristãos. Protegeram os passageiros cristãos no ônibus.^[17]

31 de janeiro de 2016: Ataque

Quatro cristãos foram mortos, um deles decapitado, na área de Kaisari, aldeia de Mapomoko, no que se acredita ter sido um ataque planejado pelo Al-Shabaab.^[18]

PERSPECTIVAS PARA A LIBERDADE RELIGIOSA

Os cidadãos quenianos têm sido alvo de inúmeros ataques terroristas nos últimos anos, em particular desde que o país aumentou as intervenções militares na Somália contra as forças do Al-Shabaab. O grande ataque ao luxuoso centro comercial de Westlands, em 21 de setembro de 2013, no qual pelo menos sessenta e sete pessoas foram mortas, tem sido visto como o equivalente queniano aos bombardeios do 11 de setembro nos Estados Unidos em 2001. As agências de segurança no Quênia montaram uma caça contínua aos terroristas, mas sem qualquer resultados. Os cidadãos quenianos não se sentem protegidos pelas forças de segurança. As repetidas falhas, problemas internos e a impunidade geral das forças de segurança, em conjunto com o que é sentido como sentimentos antiárabes ou anti-somalis, estão fazendo surgir uma tendência de radicalização entre os jovens muçulmanos e uma perda geral de confiança na população em

geral, e em particular entre os cidadãos muçulmanos.^[19]

Alguns líderes próximos da presidência afirmaram que o Al-Shabaab “quer uma guerra religiosa”.^[20] De fato, as ações do Al-Shabaab não auguram qualquer tipo de melhoria na coexistência pacífica entre comunidades religiosas. Isto é evidenciado pela repetida separação por parte dos militantes dos cristãos para execução. O problema é agravado pela reação desafiante do Estado, perseguindo, mantendo os suspeitos incomunicáveis durante períodos mais longos do que os que são permitidos por lei, assaltando casas e fechando mesquitas. Além disso, nas suas tentativas de controlar a situação, o Governo tem exercido uma repressão sobre diversas organizações que trabalham pelos direitos humanos, por causa das suas filiações com o Islã. A pobreza e a corrupção também desempenham um papel importante no agravar deste cenário complexo.

A solução para esta situação difícil é a responsabilidade do Governo central e dos políticos locais. Infelizmente, o nepotismo, o tribalismo e a corrupção continua desempenhando um papel importante na política do Quênia, sem dúvida impedindo tentativas bem intencionadas de parar a propagação do extremismo religioso.

A violência religiosa é uma realidade no Quênia hoje em dia e os cristãos e os muçulmanos experimentam ambos as consequências dessa violência. O medo e a apreensão são uma realidade em muitas partes do país, com diferentes comunidades que vivem sob stress. São construídas barreiras que envolvem muros físicos ou sociais entre grupos vizinhos. Quando ocorrem ataques sangrentos, a retaliação violenta é frequentemente uma tentação muito real para muitos, sobretudo em situações em que a polícia e as agências de segurança não são capazes de agir. Os últimos meses viram uma melhoria positiva da situação e espera-se que o Governo vá aproveitar esta oportunidade para melhorar os mecanismos que até agora não conseguiram disponibilizar verdadeiras soluções e criar um melhor ambiente de tolerância religiosa.

[15] Kenya attack: 147 dead in Garissa University assault, BBC News, 3 de Abril de 2015 (<http://www.bbc.com/news/world-africa-32169080>).

[16] Al-Shabaab attacks KDF camp in Lamu, 11 militia and 2 KDF soldiers killed, Kenya Today, 14 de Junho de 2015 (<http://www.kenya-today.com/news/alshabaab-attacks-kdf-camp-in-lamu-11-militia-and-two-kdf-soldiers-killed>).

[17] Muslims 'shielded Christians from Al-Shabaab', Daily Nation, 21 de Dezembro de 2015 (<http://www.nation.co.ke/counties/Two-dead-3-injured-Mandera-bus-attack/-/1107872/3004522/-/12gsxkc/-/index.html?platform=hootsuite>).

[18] Al-Shabaab kills Christians in raid on village in coastal Kenya, Morning Star News, 2 de Fevereiro de 2016 (<http://morningstarnews.org/2016/02/al-shabaab-kills-christians-in-raid-on-village-in-coastal-kenya/>).

[19] Muslims feel under siege in Kenya, Aljazeera, 13 de Novembro de 2014 (<http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2014/11/muslims-feel-under-siege-kenya-201411911737464684.html>).

[20] Kenya attack: Al-Shabab 'wants religious war', BBC News, 22 de Novembro de 2014 (<http://www.bbc.com/news/world-africa-30160199>).